

As muitas mortes de Fernando Henrique

MARCOS COIMBRA

Oito anos é muita coisa. Na vida de um estudante, por exemplo, é o tempo entre o ginásio e o anel de doutor no dedo. Em um casamento, é a distância entre a lua-de-mel e o ano seguinte à crise dos sete anos.

Na política, é uma eternidade. Pelo menos na brasileira moderna, afeita a tempos muito mais curtos, pois até na ditadura militar ninguém ficou à frente do governo tantos anos.

Na verdade, a reeleição, para a maioria dos que dela se aproveitaram, terminou por ser uma dor de cabeça. Dos governadores do Sudeste e do Sul que disputaram e ganharam, em 1998, o segundo mandato, quase todos estão mal nas pesquisas de avaliação: Covas se foi com índices muito baixos (e Alckmin não passa de 20% de intenções de voto para o governo), Lerner amarga o pior momento na política. Só Esperidião Amin vai bem. No Nordeste estão as exceções mais notáveis a essa "maldição do segundo mandato", tão excepcionais que se tornaram presidenciais: Roseana Sarney e Tasso Jereissati.

Crise – E o presidente Fernando Henrique? Para ele, este segundo mandato está sendo muito diferente do que foi o primeiro. Tanto, que, volta e meia, surge uma onda que decreta sua "morte política" e, conseqüentemente, a do "candidato do governo" na eleição de 2002. A "morte" de hoje é fruto do agravamento da crise econômica internacional, depois dos ataques do dia 11 de setembro. Mas já tivemos várias outras. Só este ano, pelo menos duas: a da Argentina e a do apagão (esta, com certeza, grave).

Se olharmos estes últimos longos sete anos, quase completados, vemos que essas não foram as únicas mortes de Fernando Henrique Cardoso. Pensando bem, ele morreu uma meia-dúzia de vezes. O que quer dizer que renasceu outras tantas.

Vejamos o gráfico com a evolução das avaliações positivas (soma de "ótimo" e "bom") em pesquisas nossas de janeiro de 1995 a outubro de 2001.

Vemos nele diversas coisas:

1) A popularidade de Fernando Henrique Cardoso sempre caiu, ao longo do tempo.

Olhando a série desde o começo de 95, temos uma tendência razoavelmente estável e lenta de queda até junho/julho de 1998, interrompida pela campanha da reeleição. Entre agosto e outubro de 98, Fernando Henrique nunca teve tanta mídia e, à medida que a vitória em primeiro turno foi se consolidando, sua popularidade atingiu, excepcionalmente, os níveis de janeiro de 95.

O segundo mandato é, de certa maneira, parecido, só que em patamar mais baixo. Depois de alcançado seu provável mínimo, em setembro/outubro de 99, houve uma lenta recuperação, até março de 2001, à qual se seguiu nova queda.

A mudança de patamar decorre da perda da "rede de proteção" que um real muito forte, no imaginário popular, representava. Com ela, mesmo que o governo errasse e caísse, logo se interrompia a queda, ficando a popularidade sustentada.

Depois da crise cambial de 99, essa rede se esgarçou: o declínio se prolongou por quase um ano (de dezembro de 98 a outubro de 99) e a recuperação, daí para a frente, foi pequena.

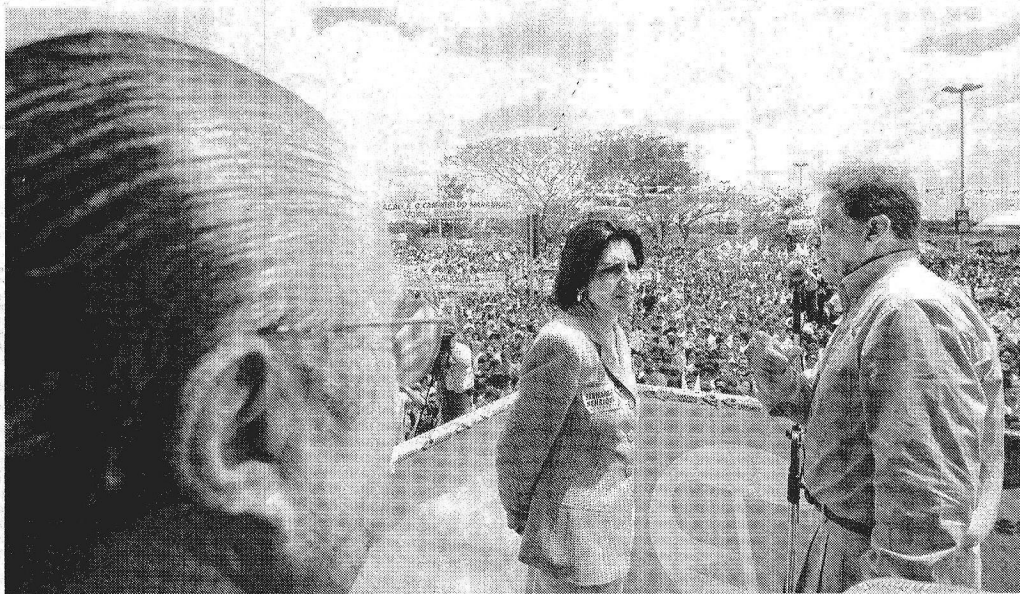
2) A popularidade do governo passou por variadas crises, mas Fernando Henrique Cardoso sempre renasceu depois delas.

Nestes sete anos, a imagem do governo e do presidente enfrentou, pelo menos, sete "crises". Algumas foram menores, outras maiores, e quase todas ocorreram no segundo trimestre de cada ano.

As de 95, 96 e 97, assim como a de 2000, tiveram pequeno impacto no ambiente político. De um lado, por serem de "metade de mandato" e não trazerem potencial maior de benefícios para as oposições.

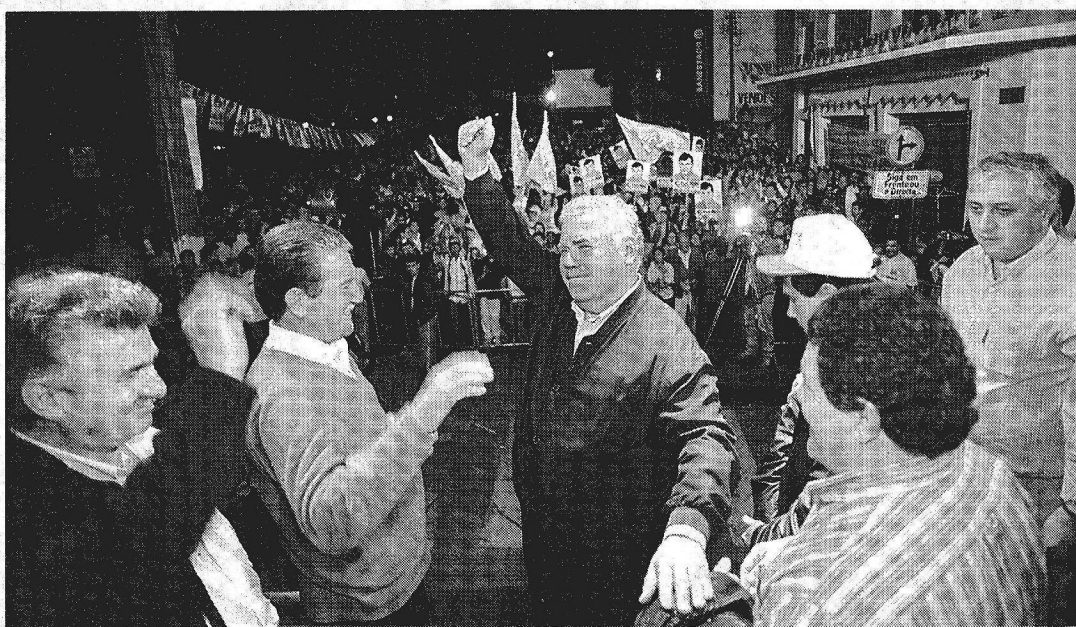
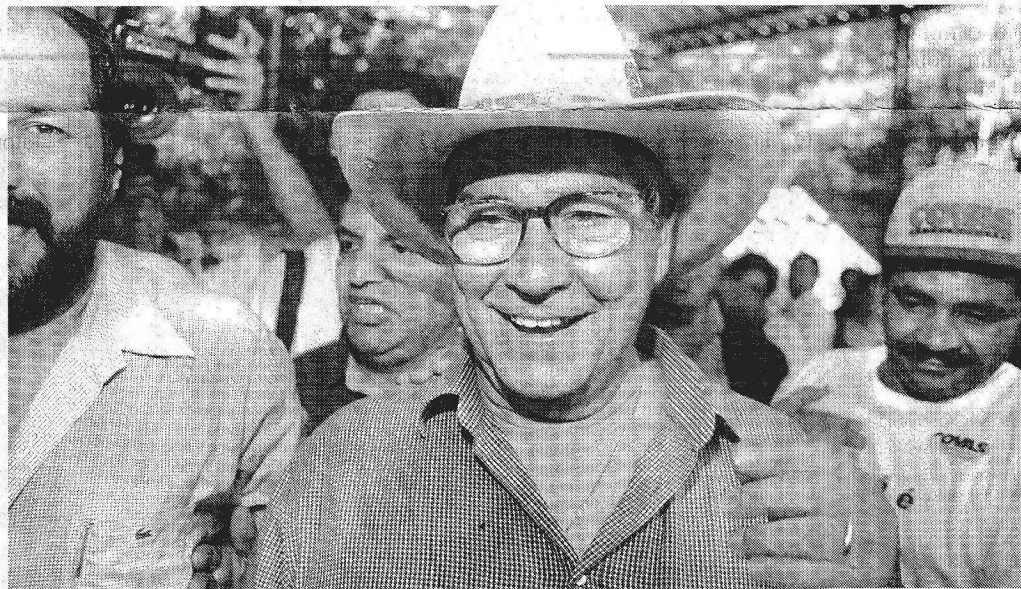


Entre agosto e outubro de 98, Fernando Henrique nunca teve tanta mídia e, à medida que sua vitória em primeiro turno foi se consolidando, sua popularidade atingiu, excepcionalmente, os níveis de janeiro de 95



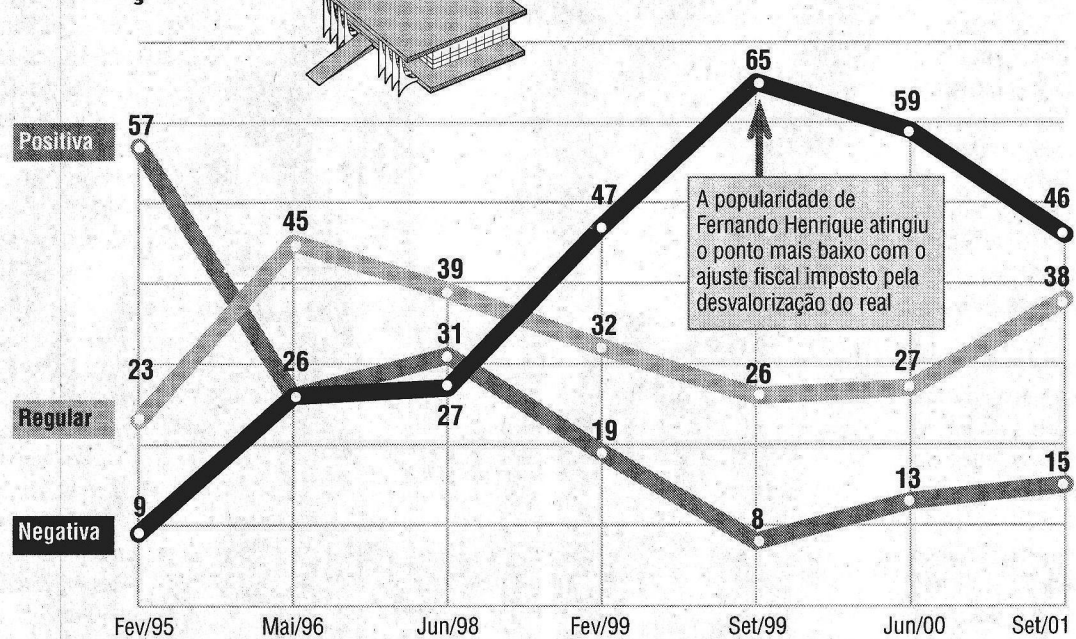
No Nordeste estão as exceções mais notáveis à "maldição do segundo mandato": Roseana Sarney e Tasso Jereissati

Covas se foi com índices muito baixos (e Alckmin não passa de 20% de intenções de voto para o governo)



Lerner amarga seu pior momento na política

A avaliação de FH



Fonte: Vox Populi

De outro, por serem facilmente explicáveis, havendo quase consenso entre os observadores de que decorriam da conjugação perversa de altos números de desemprego e baixos valores do salário mínimo, típicas dessa altura do ano (entre abril e junho), somadas a fatores conjunturais. Em 96, por exemplo, os episódios de Caruaru e da Clínica Santa Geneveva deram à sociedade uma imagem de falência de saúde pública que alimentou fortemente o desgaste do governo.

Em 98, 99 e agora em 2001, as crises foram ou são diferentes: nelas, Fernando Henrique Cardoso "morreu". E, pelo menos até hoje, renasceu.

No segundo trimestre de 98, faltando apenas alguns meses para a eleição, a popularidade do presidente "despencou", para usar um termo freqüente na discussão de pesquisas. Juntas, caíram as intenções de voto no candidato.

As razões foram várias: palavras mal usadas ("vagabundos"), fenômenos climáticos (seca no Nordeste, queimadas em Roraima), surtos de dengue. Movidos por elas, Fernando Henrique e Lula encostaram nas pesquisas, o primeiro em queda, o segundo em ascensão. Parecia que o presidente estava "à morte".

Quando, porém, o momento eleitoral, no qual o eleitor quer escolher e cobra de si mesmo uma escolha racional, chegou, Fernando Henrique Cardoso renasceu.

Em 99, a queda foi tão acentuada e duradoura que o sistema político, imaginando que o presidente estava, de novo, morto e enterrado, se pôs a discutir, com antecedência inusitada, a sucessão de 2002. Pesquisas de intenção de voto, movimentações de candidatos, a atenção da imprensa, tudo lembrava uma campanha eleitoral.

A morte não aconteceu, como sabemos, e tal qual se vê no gráfico, Fernando Henrique passou o ano e meio seguinte em ascensão.

Até o apagão (agravado pela deterioração do quadro econômico e pela "crise moral" de epicentro no Senado), quando sua mais recente morte foi decretada.

3) Fernando Henrique Cardoso vai se recuperar até 2002? Isso coloca "seu candidato" no segundo turno?

Hoje, a resposta mais razoável à primeira pergunta é "provavelmente sim". A segunda, "não sei".

A popularidade do governo deve melhorar paulatinamente, de agora a dezembro de 2002. Já passou pelo pior e nada aponta para um agravamento significativo da situação econômica, nos próximos meses. Estamos chegando ao fim do ano, período sempre melhor, que vai até janeiro/fevereiro, caracterizado pelo clima natalino, o 13º salário, as férias das classes médias, o carnaval.

Quando a opinião pública voltar à vida normal, estaremos já nos últimos meses de governo. Será hora de um balanço do que foram os oito anos de Fernando Henrique Cardoso. E muitos indicadores de pesquisas, tanto quantitativas, quanto qualitativas, sugerem que, nesse acerto de contas, a imagem do governo deverá crescer.

Especialmente se ocorrer o que é provável nesses casos: uma intensa mobilização de recursos de comunicação para mostrar à opinião pública o que era o Brasil e como está, em diversas áreas.

Candidato – E o "candidato do governo"?

Ninguém sabe se essa possível recuperação será capaz de levar um candidato (ou candidata) da atual base do governo ao quase certo segundo turno de 2002. É evidente que ela ajudará esse (ou esses) candidato(s), mas o quanto é que não se consegue estimar.

O certo é que oito anos é muita coisa. Se o eleitorado tiver que escolher entre "mais quatro (ou oito) anos iguais" e "mudar", para uma vasta maioria, a escolha será fácil: a mesma agenda não elege outro presidente, mesmo que Fernando Henrique Cardoso já tenha reconquistado o respeito que merece.

Marcos Coimbra é diretor do Vox Populi